

comerciais, outrora isolados, aliando-os através de uma visão comum do território das Beiras e Serra da Estrela, catalisada por uma estratégia de marketing territorial e alicerçada em recursos, práticas, serviços e produtos de qualidade superior. Ao invés de práticas inadequadas e de uma comunicação errática a marca "Azeites de Montanha" valoriza as melhores práticas dos olivais tradicionais e os melhores benefícios deste produto endógeno, posicionando-o e comunicando-o para públicos específicos e pelos canais apropriados. Não se trata de aumentar o número de meios de comunicação, mas sobretudo de criar uma narrativa comum e coerente ao longo do tempo, mobilizadora de vontades e capaz de promover vínculos emocionais e novos comportamentos. A identidade visual desenvolvida assegura a coerência semântica e gráfica, na medida em que estabelece uma correlação entre conteúdo escrito e verbal com a imagética, bem como uma ligação visual entre todos os suportes de comunicação.

O valor do projeto e da marca "Azeites de Montanha" reside no seu contributo para a melhoria das práticas de gestão do olival e da azeitona, bem como o aperfeiçoamento dos processos de produção para garantir um azeite de elevada qualidade, obtido de forma mais sustentável. A identidade e comunicação da marca "Azeites de Montanha" firma-se tanto nas propriedades de um azeite de qualidade superior, quanto nas próprias características do território em que se insere.

O grande desafio de valorização dos "Azeites de Montanha", prende-se com a interligação entre a sua produção e o seu território. A junção de azeites de elevada qualidade, com benefícios para a saúde, diferenciáveis nas suas características organolépticas, e a definição de uma imagem e comunicação relacionada com o território em que se insere, assente numa oferta integrada de diferentes serviços e produtos complementares que sustentem a promessa territorial, conduz a um reconhecimento e posicionamento que é capaz de impulsionar uma região em todas as suas vertentes socioeconómicas.

Azeites de Montanha – Um sabor com saber

Nota: durante o decorrer do projeto criou-se o website (<https://azeitesdemontanha.pt>) onde estão disponíveis diversos documentos produzidos nas diversas ações desenvolvidas, desde os manuais aos vídeos e para os quais remetemos o leitor para mais informação. Está também disponível o livro "Desenvolvimento e Inovação de um Produto Endógeno – o caso dos Azeites de Montanha", que culmina a transferência de conhecimentos que foi realizada, e que conseguiu movimentar, de outubro de 2017 a junho de 2019, cerca de 500 pessoas, entre investigadores, técnicos e olivicultores, neste território.

Referências bibliográficas

Paiva, T., Felgueira, F. e Alves, C. (2019). Gestão de Marketing no Âmbito dos "Azeites de Montanha". Pp:103-109. In: Desenvolvimento e Inovação de um Produto Endógeno. O caso dos Azeites de Montanha. F. Peres, T. Paiva e D. Raposo (eds). ISBN:978-989-8196-91-0.

Raposo, D., Amaral, M. e Neves, J. (2019). Definir a Identidade e Comunicar a Marca Azeites de Montanha. Pp:130-148. In: Desenvolvimento e Inovação de um Produto Endógeno. O caso dos Azeites de Montanha. F. Peres, T. Paiva e D. Raposo (eds). ISBN:978-989-8196-91-0.



Coleções de variedades regionais no País

As castas de videira autóctones, raízes do vinho e da cultura mediterrânica: como estão a ser valorizadas, adaptadas à mudança e conservadas

Portugal herdou do passado um parque de castas autóctones invulgarmente elevado, quando comparado com os de outros grandes países vitivinícolas da orla mediterrânica, centro de origem e de diversidade da videira: cerca de 250 castas, isto é, um número da mesma ordem de grandeza dos de Espanha, França e Itália, mas mais significativo quando confrontado com a menor superfície do país.

Esta diversidade entre castas (intervarietal) representa um elevado valor pois suporta a qualidade e a forte identidade dos vinhos de Portugal e das suas diferentes regiões e autorizará a adaptação a novos contextos ambientais e de mercado que surgirão no futuro. Outro tipo de diversidade, em geral muito menos percebido pelas pessoas, mas nem por isso menos importante, é a diversidade existente dentro de cada casta (intravarietal), que autoriza a compreensão da história natural da videira e da viticultura e a realização da seleção com ganhos de rendimento, de qualidade e de adaptação invulgarmente elevados.

Foi este segundo tipo de diversidade que motivou três instituições do país (Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa (ISA/UL), Instituto Nacional de Investigação Agrária e Veterinária (INIAV) e Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD) a iniciarem estudos, em 1978, com vista à respectiva compreensão e utilização económica, através da seleção. Em poucos anos, este núcleo inicial alargou-se e transformou-se

Antero Martins, Elsa Gonçalves
Instituto Superior de Agronomia / Universidade de Lisboa;
Associação Portuguesa para a Diversidade da Videira – PORVID



numa rede informal de colaborações – Rede Nacional de Seleção da Videira – com capacidade para executar a seleção de cerca de 60 castas e de distribuir garfos de enxertia para milhares de hectares de novas vinhas com potencial de rendimento aumentado de 5% a 35% (frequentemente também com melhoramento de outras características).

Este crescimento rápido da selecção e os resultados relevantes obtidos permitiram-nos compreender que a diversidade intravarietal constitui um filão quase inesgotável para adaptar a casta antiga aos mais diversificados objectivos, mas também que para isso é necessário recorrer a novos e poderosos métodos de base genética e estatística, defender as castas da enorme pressão de

erosão da diversidade surgida pelo anos 80 do século passado e criar uma organização de enquadramento dos trabalhos com capacidade para lhes assegurar continuidade, perenidade e suporte dos utilizadores naturais, os vitivinicultores. Como esse caminho tem vindo a ser trilhado descreve-se seguidamente.



Inovação na selecção clonal e policlonal

A selecção clonal é a mais generalizada no mundo, ainda que sofra de contraindicações sérias: o clone é instável face às variações ambientais e promove ao extremo a erosão da diversidade intravarietal. Contudo, essas fragilidades podem ser mitigadas pela não selecção de clones mais instáveis e pela selecção de, no mínimo, 7 clones por casta (autorizando a cultura de grupos de clones) e isso é o que fazemos correntemente no presente.

A selecção policlonal representa a resposta mais lógica para os problemas referidos, porque o que se

selecciona é um conjunto de 7 a 20 clones, cuja estabilidade se aproxima da da casta e que guarda alguma diversidade nas vinhas. Acrescenta ainda as vantagens relevantes de poupança de meios que seriam exigidos para a avaliação da estabilidade dos clones individuais. E, principalmente, é uma metodologia fortemente alicerçada nas teorias genética e estatística que autorizam a obtenção de ganhos de selecção particularmente elevados e passíveis de previsão objectiva.

Desenvolvida em Portugal, a metodologia tem permitido a obtenção

de materiais mais produtivos e com melhor qualidade, que se estima que terão sido já plantados em mais de 30.000 ha de vinhas novas, gerando uma mais-valia superior a 10 milhões €/ano.

Em 2019 foi adoptada pela Organização Internacional da Vinha e do Vinho (OIV), sob a forma de "RESOLUÇÃO OIV-VITI 564B-2019", como solução avançada para a selecção e para a mitigação da erosão genética, para ser utilizada no mundo vitivinícola.

Conservação ex situ da diversidade intravarietal

Tanto a selecção como outras diversas técnicas vitivinícolas modernas tendem a promover a homogeneização genética das videiras cultivadas e a perda de diversidade. Ainda que a selecção policlonal represente uma via relativamente mais conservacionista da diversidade, isso só se aplica, e em medida moderada, às castas submetidas a selecção. Isto é, a conservação da diversidade intravarietal tem que ser uma abordagem global de prospeção de campo e conservação de amostras representativas da diversidade de todas as castas autóctones.

Segundo os resultados de experiências para o efeito, a representação da diversidade de uma casta numa determinada região pode ser conseguida com uma amostra de 70 genótipos. Com base nesse número e na distribuição das castas por regiões, pode concluir-se que será necessário conservar no país 50.000 genótipos.

Esta é uma questão estratégica, base de sustentabilidade da viticultura, exigindo espaço, equipamentos e granjeio duradouro, pelo que foi cedido pelo Estado para o efeito um Pólo de Conservação, em Pegões (Palmela). O material até agora conservado vai em mais de 30.000 genótipos (clones), compreendendo cerca de 15.000 em vasos, no Pólo, e outros tantos em ensaios diversos no Pólo e no país inteiro (estes aguardando transferência para o Pólo). Trata-se da maior coleção de diversidade intravarietal da videira no mundo, factor de sustentabilidade do sector da vinha e do vinho português e testemunho de que é produzido num contexto de respeito pela natureza e pela diversidade.

Criação da Associação Portuguesa para a Diversidade da Videira - PORVID

Criada em 2009 como entidade de direito privado para perseguir objectivos de interesse público, sobretudo referentes à selecção e conservação da diversidade, agrupa entidades universitárias e afins (produtoras de conhecimento), empresas da vinha e do vinho e afins (utilizadoras dos resultados) e outras notoriamente interessadas no desenvolvimento do sector vitivinícola.

Em 2010, foi-lhe concedida pelo Estado a utilização de uma área de terreno agrícola e instalações várias em Pegões – Pólo Experimental de Conservação da Diversidade da Videira - para fins de conservação da diversidade intravarietal e experimentação referente à selecção.

O sector da vinha e do vinho e o país dispõem assim de um aparelho físico, organizativo, científico e técnico único para conservar a diversidade da videira herdada do passado e para a converter em valor actual e em sustentabilidade.

